

Pyxaí

# Pyxaí

Texto original  
Xeramõs José Fernandes

## O que faz um homem ferido com um cavalo magro?

A história intrigante de João, o homem ferido e fraco que parte numa jornada montado num cavalo magro, abre uma senda muito peculiar. Sofrido, debilitado, incapaz de trabalhar, portanto o menos adequado de todos os candidatos a conquistadores de princesas, ele passará por uma transformação raramente vista.

Impossível parar de ler o relato de uma aventura na qual os símbolos comuns vão adquirindo significados novos. O final então se torna totalmente imprevisível e, depois que a ele chegamos, impõe-se a necessidade de reler tudo numa vã tentativa de absorver toda a sabedoria contida nas palavras do autor.

Sendo um narrador primordial, porta-voz das histórias profundas disfarçadas em contos leves, o autor fala de derrota, renascimento, encontro amoroso, solidariedade e, principalmente, justiça.

Pois a sequência de acontecimentos não obedece a fórmula alguma: conto de fada, caso popular, lenda urbana, tampouco as narrativas de conquista de etapas próprias dos videogames ou filmes norte-americanos.

XERAMÓI JOSÉ FERNANDES alcançou o sonho de todo contador de histórias: a criação de uma combinatória absolutamente original e encantadora. Uma narrativa duradoura, capaz de emanar constantes camadas de mensagens e sonhos aos seus leitores e ouvintes.

Seu conto contém a marca da voz secreta, a narração que se destaca do tempo cronológico e conduz ao espaço das coisas eternas. Que essa história imprevisível ecoe na memória do mundo, despertando coragem, força e confiança na vida. Como uma espécie de mensagem esperançosa, ela revelará, a todos que a conhecerem, a lógica traquinas dos destinos impensados.

Heloísa Prieto

Mais conhecido pelo apelido de Kamba Puku, Guyra Pepo, ou José Fernandes Soares, foi um dos mais prestigiados dirigentes espirituais guarani. Com seu jeito acolhedor, o xeramõi reunia ao seu redor uma imensa família de sangue e de afeto. Os cantos e as palavras divinas que recebia ressoavam na Opy – casa de rituais –, onde tratava os que adoeciam e revelava os nomes-almas das crianças. Incansável, generoso, discreto e justo, passou a desempenhar também o papel de cacique na aldeia da Barragem, na Terra Indígena Tenonde Porã, no extremo sul de São Paulo, onde viveu por cerca de trinta anos.

Entre o final dos anos 1970 e início dos anos 1980, os Guarani reviveram o desafio de conservar as terras que ocupavam junto à Serra do Mar, onde as florestas protegiam seu modo de viver e sua autonomia. O projeto de “desenvolvimento econômico” da ditadura ignorava os direitos dos povos indígenas. Promovendo construção de estradas, agropecuária extensiva, especulação imobiliária e projetos de urbanização, infligia novos genocídios.

Nesse contexto, em vez de novamente partir para outras bandas, lideranças guarani do litoral do Sudeste, numa corrida contra o tempo acelerado da destruição, passaram, a partir de 1982, a denunciar as invasões e ameaças, e a solicitar e contar com apoio do CTI (Centro de Trabalho Indigenista) para defender suas terras na Justiça e permanecer em suas aldeias. Os caciques representaram, lado a lado, o conjunto das comunidades afetadas.

Tendo nascido no litoral paulista, Xeramõi Kamba Puku motivou a luta conjunta pelo reconhecimento das Terras Guarani em várias regiões (e tive o privilégio de percorrer com ele boa parte de Yvyrupa, território ancestral guarani). Com seu exemplo, cultivou gerações de lideranças, transmitindo-lhes força, serenidade, persistência e união.

Tinha um modo singular de liderar em suas caminhadas. Falava mansa e diretamente ao seu povo, estimulando a permanência na terra e o seu cultivo, como modo de assegurar o futuro. Mas, quando os conflitos se acirraram, na contramão de outros líderes espirituais, apadrinou uma legião de juruá (não indígenas), construindo uma rede de aliados e parceiros do movimento guarani.

Ao mesmo tempo constante e imprevisível, revela-se ainda um exímio contador de história, modulando sofisticadamente códigos morais universais. Que ele continue nos surpreendendo, iluminando e nomeando os tortuosos e belos caminhos guarani.

Maria Inês Ladeira

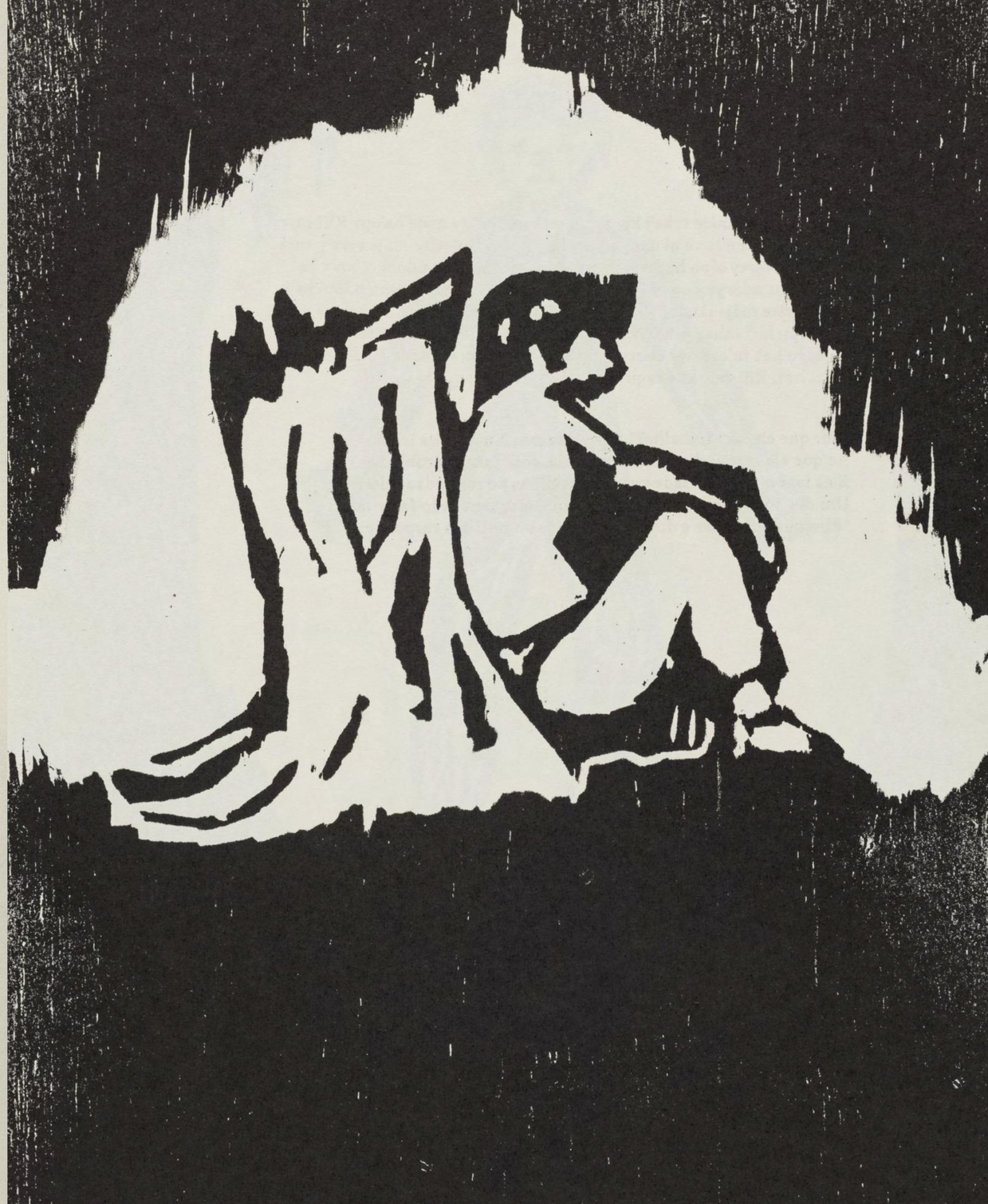
CENTRO DE TRABALHO INDIGENISTA

Peteỹ ymã oiko raka'e nhade'i va'e, jurua py mãje hery (João) Pyxaĩ, \ ha'e va'e mãje oiko, mokoi, mboapy mãje ikuai raka'e joegua'i, há'erire joão aipo he'i,

Conta-se aqui a história de João, que vivia com sua mãe e dois irmãos. Ele tinha os pés deformados e feridas por todo o corpo.

tyke'y kuery mãje omba'eapo okuapy ramõ joão ipyxaĩ mba'i va'evy oiko rive'i haxẽ juma opu'ã pu'ã'i oka rupi onhepyxanga vy voi haxẽ vaipa ipa oiko vy joão,

Seus irmãos trabalhavam pra danado. João, quase nada. Às vezes, só de levantar sentia dores e sofria com isso e chorava.



ha'e rami haja mǎje tyke'i kuery oo tetā re, ha'evy mǎje ha'epy REI rajy re haetu je omēda xe okuapy ra'e tyke'y kuery, ha'erire mǎje tyke'y tuja ve oo rire ouvy aipo he'i oxy pe mba'evije joāo ojapo ndooi oikovy he'i, mba'exatu nderyvy oo ta ipyxaĩ mba va'e, ha'e rami vy rima ndooi he'i je, ha'e rire mǎje ikuai ha'egui mǎje nha ke há'e rami ete avi vy mǎje, joāo aipo he'i mba'eje ke'y kuery ojapo okuapy he'i, há'e ramo mǎje ixy aipo he'i nderyke'y kuery tu ovarekue vyrima omēda aguã re rima ikuai he'i, REI rajy kuã regua omboi vy omēda aguã mǎje he'i,

“Por que ele não trabalha?”, perguntavam à mãe seus irmãos. Ao que ela respondia: “Como poderia, com tantos problemas?”. Eles iam muito à cidade para ver as filhas do rei, todas solteiras. Um dia, João perguntou à mãe: “O que eles tanto vão fazer lá?”. “Eles querem casar e desejam as filhas do rei!”, ela respondeu.



xeeke aata havy he'i māje ha'e ramō ixy aipo he'i a ndeae tama reo ra'a  
remēda rā eỹ haema nepyxaĩ mba va'e, ndeai pa va'e manhe'ã reo taavi,

Então João resolveu: "Se eles podem ir atrás de mulher, eu também posso".  
"Conta outra! Eles são trabalhadores. Já você, com essas feridas  
e esse pé torto...", disse ela.



COORDENAÇÃO

Teté Martinho

APOIO

Eduardo Duwe

Fabrizio Lopez

PRODUÇÃO GRÁFICA

Lilia Góes

REPRODUÇÕES

Nino Andrés

AGRADECIMENTOS

Maria Inês Ladeira

REALIZAÇÃO



Letra da Cidade

APOIO

-nômade>  
filmes

350 exemplares foram impressos  
na tipografia do ateliê acaia,  
em papel pólen bold 90 gr/m2  
no ano de 2016.